
**Meu uivo é queer:
Perspectivas sônico-musicais para análise do horror queer na música pop¹**

Felipe GALVÃO²

Thiago SOARES³

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

O estudo parte do reconhecimento do uivo como uma marcação sônica da construção de monstrosidades no cinema de horror. Desloca o uivo para a ambiência da produção musical da cultura pop e reconhece o processo de generificação do uivo através da corporificação do gesto da emissão sonora. Aponta para o que se chama de queerização do uivo a partir do recurso vocal utilizado na faixa “Tanto Faz”, da cantora trans Urias (2022). Através da metodologia de Constelações Acústicas, é possível perceber como historicamente se construiu o uivo numa dinâmica associativa ao masculino e seu deslocamento para as corporalidades femininas e desviantes, como metáfora de corpos em aprisionamento e libertação.

PALAVRAS-CHAVE: horror queer; música pop; sonoridade; performance; gênero.

Introdução

Debate-se nesta proposta o processo de queerização de um aspecto sônico bastante popular no estudo do som no cinema de horror (CARREIRO, 2019): o uivo. Associado como marcador da conversão do personagem humano em lobisomem, o uivo passa a ser um dos mais importantes indicadores sônicos sobre a monstrosidade de um personagem no campo do cinema de gênero horror. Convertido numa espécie de clichê sônico, ou seja, uma característica sonora excessivamente reconhecida, com fácil apelo comunicacional e amplo espectro de engajamento estético, o uivo passa a ser utilizado como construto da produção musical da música pop, seja na criação de ambiências soturnas a partir de referências às territorialidades que remetem ao cinema de horror, seja nas ampliações de modulações vocais e taticidade no ensejo de uma série de

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento do XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando no Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), integrante do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Música e Cultura Pop (Grupop/ CNPq); email: felipe_fg@ufpe.br.

³ Professor e pesquisador do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), bolsista Produtividade em Pesquisa 2 do CNPq e coordenador do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Música e Cultura Pop (Grupop/ CNPq), email: thiago.soares@ufpe.br

canções pop, que atravessam os gêneros musicais. A principal referência ao uso do uivo na música pop é a faixa “Thriller”, de Michael Jackson, com produção musical de Quincy Jones, lançada em 1982, no álbum de mesmo nome, que foi traduzida visualmente num dos videocliques mais icônicos da cultura pop.

O trabalho de produção musical da faixa “Thriller” consiste na inserção de uma ambiência sonora de filmes de terror, reconhecendo que a poética da faixa musical, escrita por Rod Temperton, remeteria ao que o compositor chama de “canção teatral”, ou seja, um tipo de faixa musical em que deveriam ser inseridos sons ambientes, referências a ruídos e sonoridades para além da letra e da melodia. Portanto, compreender a noção de produção musical na música pop (SOARES, 2017), auxilia no debate em torno dos procedimentos materiais no processo de gravação da canção pop que texturiza, ambienta, modula e constrói camadas de sentido e sensibilidades sobre o material musical.

A proposta deste artigo é reconhecer o processo de queerização do uivo na música pop como uma dinâmica que envolve três gestos: 1. o entendimento do que se reconhece como horror queer (BENSHOFF, 1997), ou seja, a demonstração de como a representação da sujeitos LGBTQIA+ permeava o cenário cinematográfico desde as suas origens, utilizando a figura do monstro como alegoria para estranhamento, reclusão e camuflagem e seu deslocamento para o estudo da música pop, na tentativa de testar a validade destes aportes que já são amplamente debatidos no campo cinematográfico para a dinâmica da produção e consumo musicais; 2. o debate em torno das sonoridades do cinema de horror (CARREIRO, 2019) como aporte para a compreensão de adensamento das incorporações de clichês sonoros e marcações musicais típicas deste gênero cinematográfico no universo da produção musical da cultura pop; 3. a dinâmica da criação de personas na música pop (ALMEIDA e SOARES, 2023), em que o artista pop constrói camadas performáticas que, em algumas ocasiões, remete a presentificação da monstruosidades e figuras enigmáticas.

Metodologia

A compreensão do processo de queerização do uivo na música pop será apreendido através de uma metodologia de Constelações Acústicas, em fase de testes e

aprimoramentos no Grupo de pesquisa em Comunicação, Música e Cultura Pop (Grupop/ CNPq), que consiste na formação de playlists musicais com o intuito de, a partir de um processo de curadoria musical, tematizar e “fazer aparecer” determinados sentidos e sensibilidades em interpretações sônicas relacionais. A ideia de constelar objetos artísticos e midiáticos remonta ao pensamento relacional de Walter Benjamin que foi incorporado ao léxico das pesquisas em cinema através dos estudos sobre Constelações Fílmicas (SOUTO, 2020) e debatido de forma mais expandida nas relações entre cinema e música na noção de Constelação Audiovisual (ALMEIDA e SOARES, 2023). Chega-se à ideia de Constelação Acústica numa tentativa de incorporar o debate sobre o gesto metodológico da clivagem nos Estudos de Performance (TAYLOR, 2013) ao campo dos Estudos sobre Música Pop (SOARES, 2015).

A noção de uivo queer apareceu, portanto, durante o processo de formação de Constelações Acústicas através do primeiro teste de criação de um conjunto de canções pop que demonstrassem a pertinência da ideia de horror queer para a música pop. Foi criada uma playlist na plataforma Spotify intitulada “O susto me causa orgasmos súbitos”⁴.

A playlist (Figura 1) foi constituída a partir da música de Urias, "Tanto Faz", em que existe uma atmosfera obscura, como em seu uivo, junto a letra e produção sonora melancólica. A partir dessa primeira escolha, foi se desenhando uma constelação de músicas que possuíssem elementos do cinema de horror, como na faixa "Nhac!" de Johnny Hooker e CHAMELEO, onde podemos ouvir risadas maléficas e metáforas sexuais envolvendo “penetração” e o gesto de “perfuração”. A canção “AMEIANOITE”, parceria de Pablo Vittar e Gloria Groove, apresenta imagética clichê remetendo ao funk como aparato para construção da ideia da drag queen “assustadora”. Já na última faixa, com elementos de funk mandelão, a "Beat das Galáxias”, traz parceria entre DJ Blakes e Mc Gw, e é também possível ouvir risadas maléficas, ecos e sons “assustadores”.

⁴ Disponível em: <https://open.spotify.com/playlist/1RiGJcKncDhGsvAVZZxcHI?si=a5d4ba95a0534def>. Acesso em: 11 de jun 2024.



Figura 1 - Playlist que traduz a Constelação Acústica de escuta do uivo entre artistas LGBTQIA+

O uivo Urias na faixa “Tanto Faz” chama atenção por historicamente termos contato com outras canções que fizeram desse elemento do lobisomem, um artifício musical em suas produções. Além disso, a faixa apresenta uma crescente de transformação na voz, melodia e produção que merecem atenção a partir de uma perspectiva queer.

Do contraste entre as faixas, a ideia do uivo emitido pela cantora Urias na faixa “Tanto Faz”, em que, ao narrar a solidão se converte em uma persona-loba, nos permite construir a ideia do uivo queer, ou seja, o uivo deslocado de um corpo masculino-mostruoso (na linhagem do lobisomem) e que agora é emitido por uma cantora trans na canção pop. Entende-se que, no processo de escuta da música pop, a voz é a principal zona de contato entre o corpo da artista e o ouvinte e que, portanto, a produção musical da voz se configura no lugar central para as reflexões sonoras e estéticas. Entende-se que a dinâmica da voz que se converte em uivo estaria dentro dos processos de “pixelização da voz”, ou seja,

“a visualização não apenas de um corpo que emerge da performance vocal, mas um sistema de produção de sentido que envolve a figura do produtor musical, lógicas de metamorfose presentes na cultura digital e a capacidade atual de se gerar matrizes vocais que são emprestadas a corpos que não as cantaram” (SOARES, 2014, p. 1)

A primeira Constelação Acústica permite identificar o uivo queer dentro de um conjunto de práticas sonoras e estéticas de artistas pop contemporâneos. Entretanto, o entendimento do processo de queerização do uivo nos impele a construir uma nova Constelação Acústica desta vez ressaltando uma dimensão histórica em que é possível escutar o deslocamento do uivo do corpo do lobisomem em direção ao da mulher cis e, em seguida, para a mulher trans. A segunda Constelação Acústica intitulada “Queerizando o uivo”⁵ (Figura 2)) é formada pelas canções “Thriller”, de Michael Jackson (1982); "Mistérios da Meia-Noite" de Zé Ramalho (1985); “She Wolf”, de Shakira (2009) e “Tanto Faz”, de Urias (2022) e, dessa forma, compreende-se a performatização do uivo por diferentes corpos, compondo quadros fabulatórios em que a noção de gênero modula e reorganiza os aspectos sonoros na música pop.

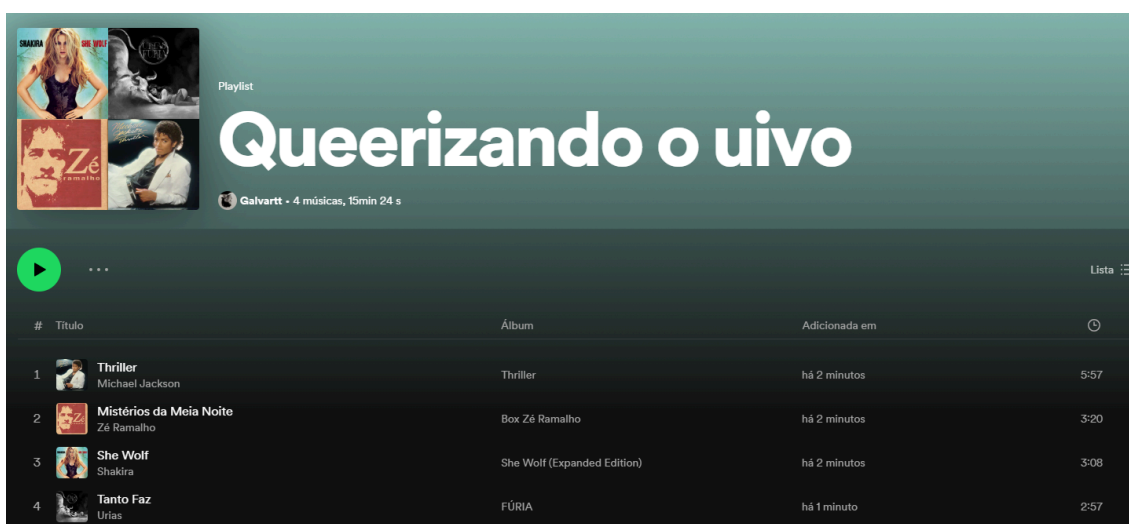


Figura 2 - Playlist que traduz a Constelação Acústica sobre uivo queer

Resultados

A perspectiva do estudo é debater especificidades sônico-musicais no que estamos chamando de horror queer na música pop. Trata-se de um projeto de mestrado que visa analisar os marcadores estéticos e performáticos do horror *queer* presentes na canção pop contemporânea. O primeiro movimento analítico se debruça a estudar a produção musical de artistas LGBTIA+, com foco em produções audiovisuais brasileiras, investigando como elas são capazes de dialogar com questões e

⁵ Disponível em: <https://open.spotify.com/playlist/2GFOzjrx7BpFgeLHMgKVpZ?si=40c7b2b548284e7f>. Acesso em: 12 de jun 2024.

sensibilidades da comunidade *queer* no país. A pesquisa está dividida em etapas que prevêem: 1. o mapeamento de características sônico-musicais do cinema de horror que são incorporadas na produção musical da música pop, em que se insere este artigo; 2. a análise dos marcadores estéticos e performáticos do horror *queer* presentes na cultura drag, com foco em produções audiovisuais brasileiras. 3. O estudo de matrizes do funk como bastante aderentes às estéticas do horror queer, especialmente, o chamado “funk mandelão”. O estudo visa trazer novos alicerces musicais e performáticos para a discussão em torno das relações políticas e metafóricas de sujeitos LGBTQIA+ em contextos de alta visibilidade na cultura pop.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Gabriela e SOARES, Thiago. **A máquina do gênero na cultura pop**. In: Revista Brasileira de Estudos da Homocultura (Rebeh). Vol. 06, N. 21, Set. - Dez., 2023 - <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/index>. Acesso em: 03 de jan. 2024.

BENSHOFF, Harry M. **Monsters in the closet: homosexuality and the horror film**. Manchester: Manchester University Press, 1997.

CARREIRO, Rodrigo. **Por uma teoria do som no cinema de horror**. In: Revista Ícone. v. 17, n. 3, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.34176/icone.v17i3.240271>. Acesso em: 11 de jun 2024.

MARQUES, Henrique Rodrigues. Gosto de sangue: horror gótico e desejos monstruosos no cinema queer brasileiro contemporâneo. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**. v. 12, n. 24, p.310-330, jan-abr. 2022 Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2022.36150>>. Acesso em: 25 jul. 2023.

SOARES, Thiago. **Percursos para estudos sobre música pop**. In: Cultura pop. SÁ, Simone Pereira de; CARREIRO, Rodrigo; FERRARAZ, Rogério (Orgs.). Salvador: Edufba; Brasília: Compós, 2015, p. 19-33.

SOUTO, Mariana. **Constelações filmicas: um método comparatista no cinema**. In: Galáxia, São Paulo, n. 45, set-dez. 2020. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/44673>>. Acesso em: 03 de jan. 2024.